

As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, sobre a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados nas investigações qualitativas na área da educação. A partir de uma revisão teórica nas produções de autores de referência foi possível destacar as características das investigações qualitativas, diferenciar os principais tipos de entrevista e detalhar etapas para o desenho e execução das entrevistas semiestruturadas. Concluiu-se que ao combinar um roteiro com perguntas principais complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias em que se estabelece o diálogo, as entrevistas semiestruturadas apresentam maior flexibilidade ao pesquisador e possibilitam que o informante se expresse mais livremente sobre o objeto da investigação. Contudo, sua utilização requer planejamento prévio e preparo do entrevistador para a manutenção de um ambiente que permita interação e profundidade na conversa direcionada que se estabelece com o entrevistado.

Palavras-chave: educação; entrevista semiestruturada; pesquisa qualitativa.

Silvaney de Oliveira

Secretaria do Estado da Educação
do Paraná – SEED – Curitiba/PR –
Brasil
silvaney.oliveira@gmail.com

Orliney Maciel Guimarães

Universidade Federal do Paraná –
UFPR – Curitiba/PR – Brasil
orli.guimaraes@gmail.com

Jacques de Lima Ferreira

Universidade do Oeste de Santa
Catarina – UNOESC – Joaçaba/SC –
Brasil
drjacqueslima@gmail.com

Para citar este artigo:

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824552023210

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824552023210>

Semi-structured interviews in qualitative research in education

Abstract

This article presents a bibliographical research of an interpretative nature on the semi-structured interview as a data collection instrument in qualitative investigations in the area of education. Based on a theoretical review of the productions of reference authors, it was possible to highlight the characteristics of qualitative investigations, differentiate the main types of interviews and detail steps for the design and execution of semi-structured interviews. It was concluded that by combining a script with main questions complemented by other questions inherent to the circumstances in which the dialogue is established, semi-structured interviews present greater flexibility to the researcher and allow the informant to express himself more freely about the object of investigation. However, its use requires prior planning and preparation of the interviewer to maintain an environment that allows interaction and depth in the directed conversation that is established with the interviewee.

Keywords: education; semi structured interview; qualitative research.

Entrevistas semiestructuradas en investigación cualitativa en educación

Resumen

Este artículo presenta una investigación de tipo bibliográfico, de naturaleza interpretativa, sobre la entrevista semiestructurada como instrumento de recolección de datos en las investigaciones cualitativas en el área de la educación. A partir de una revisión teórica en las producciones de autores de referencia fue posible destacar las características de las investigaciones cualitativas, diferenciar los principales tipos de entrevista y detallar etapas para el diseño y ejecución de las entrevistas semiestructuradas. Se concluyó que al combinar un guion con preguntas principales complementadas por otras cuestiones inherentes a las circunstancias en que se establece el diálogo, las entrevistas semiestructuradas presentan mayor flexibilidad al investigador y posibilitan que el informante se exprese más libremente sobre el objeto de la investigación. Sin embargo, su uso requiere una previa planificación y preparación del entrevistador para mantener un ambiente que permita la interacción y profundidad en la conversación dirigida que se establece con el entrevistado.

Palabras clave: educación; entrevista semiestructurada; investigación cualitativa.

Introdução

As entrevistas, em suas várias modalidades, vêm sendo utilizadas com bastante frequência nos estudos de campo para compreensão de diversos fenômenos educativos. Caracterizam-se como uma técnica de interação social dinâmica, flexível e criativa que permite aos interlocutores, incluído o pesquisador, construir coletivamente uma versão do fenômeno analisado (MONDADA, 1997).

Segundo Duarte (2002), por se tratar de um instrumento privilegiado na coleta de dados em pesquisas com base qualitativa, o debate sobre as regras e pressupostos teórico-metodológicos que norteiam o trabalho com as entrevistas, sobretudo as semiestruturadas, pode subsidiar as discussões que dizem respeito aos critérios de rigor e confiabilidade necessários às pesquisas que lançam mão desse recurso com maior regularidade.

Assim, neste trabalho de cunho bibliográfico, descrevemos as etapas para desenho e execução das entrevistas em pesquisas qualitativas com intuito de desenvolver reflexões sobre as possibilidades do uso das entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação e fornecer subsídios para pesquisadores da área sobre aspectos técnicos que envolvem sua utilização.

A pesquisa qualitativa

Uma investigação científica se caracteriza como um processo rigoroso e sistemático de descrever e interpretar determinado fenômeno da realidade que requer a adoção de métodos que permitam sua operacionalização (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Nesse contexto, impõe-se ao pesquisador a necessidade da apropriação de uma série de conhecimentos específicos e técnicas que lhe permitam desenvolver sua pesquisa. Para tanto, segundo Gatti (2001, p. 75), “é fundamental o conhecimento dos meandros filosóficos, teóricos e metodológicos da abordagem escolhida”, de forma que o pesquisador tenha segurança para optar entre as diferentes alternativas disponíveis. Ou seja, a despeito do desenho escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, há a

necessidade de um repertório teórico-metodológico apropriado às especificidades do objeto a ser investigado e que o pesquisador domine esse referencial de forma consistente, evitando uma apropriação superficial ou meramente instrumental de métodos sem a devida reflexão.

Ao adotar os critérios de categorização de pesquisa científica, encontramos na literatura duas perspectivas: as pesquisas de natureza qualitativa e as pesquisas de natureza quantitativa. Em termos gerais, ambas utilizam processos cuidadosos, sistemáticos e empíricos para gerar conhecimento (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e se diferenciam em natureza, mas não hierarquicamente (MINAYO, 2001).

Enquanto as pesquisas que utilizam abordagens quantitativas trabalham com aspectos mensuráveis, apoiando-se no tratamento estatístico das variáveis como meios para construção de um conhecimento válido e generalizável, as pesquisas qualitativas enfatizam “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (RUDNICKI; CARLOS; MÜLLER, 2021, p. 85).

Em função de suas características, o debate metodológico sobre as investigações qualitativas tem acompanhado as pesquisas sociais desde sua introdução no campo, de forma que diferentes posições têm sido assumidas, em um modelo que busca reforçar a ideia de que a natureza de seu objeto de estudo, caracterizado por sua subjetividade, mutabilidade e dinamismo, não pode ser reduzida a uma única forma pré-determinada de conhecer o mundo, fundamentada apenas em características exteriores e objetiváveis (GAMBOA, 2003; SUASSUNA, 2008).

Como contemporâneas das ciências da natureza, as ciências humanas surgiram num contexto em que era natural que se buscasse constituir a ciência social em bases rigorosas, objetivas e neutras, e foi apenas na segunda metade do século XIX e início do século XX (MINAYO, 2001) que se fortaleceu um movimento que questionava se aquele modelo de cientificidade poderia ser utilizado para o estudo do ser humano, sem que daí resultassem inconsistências na compreensão daquilo que lhe é específico (GAMBOA, 2003; SUASSUNA, 2008).

O resultado desse processo foi a ampliação do próprio estatuto epistemológico da ciência, solidificando as bases sobre as quais se entende atualmente o que é fazer ciência e como o conhecimento é produzido. Ao propor uma diferenciação rigorosa entre o que constitui a essência natural e a essência humana, amparada principalmente na fenomenologia e na dialética (PESCE; ABREU, 2013), essa nova perspectiva investigativa garantiu credibilidade aos projetos de construção de áreas específicas do conhecimento científico, tais como a antropologia, a educação e a sociologia, dentre outras.

Especificamente no âmbito da educação, o uso de métodos qualitativos trouxe inúmeras contribuições para o avanço da compreensão dos fenômenos educativos e, atualmente, grande parte das investigações é desenvolvida sob os princípios da pesquisa qualitativa (GATTI; ANDRÉ, 2010).

Contudo, apesar de seu uso recorrente, a expressão "pesquisa qualitativa" assume diferentes tendências que se aglutinaram sob esse termo, abrigando uma série de tensões teóricas subjacentes que cada vez mais a distanciam de práticas e estratégias únicas de pesquisa. Dessa diversidade de concepções surgem várias possibilidades de operacionalização, gerando uma multiplicidade de desenhos adotados nas pesquisas, dependendo do referencial teórico que as embasa ou do campo de estudo focado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Para Bogdan e Biklen (1994), a existência de diferentes matizes, no entanto, não descaracteriza o todo e independentemente da ênfase particular em um ou outro aspecto, as investigações qualitativas apresentam cinco características principais, conforme destacado abaixo, no quadro 1.

Quadro 1 – Características da investigação qualitativa

Característica	Descrição
Sua fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal	A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Nesse sentido, se o problema de pesquisa busca analisar a prática do professor, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifeste, o que vai exigir um contato direto com trabalho em sala de aula
A investigação qualitativa é predominantemente descritiva	Os dados obtidos nessas pesquisas são ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos. Incluem transcrições de entrevistas e de relatos, fotografias, gravações, desenhos e documentos. Todos os dados da realidade são considerados importantes e nenhum aspecto deve ser considerado trivial para a compreensão do problema que está sendo

	estudado. Questões aparentemente simples, como o motivo pelo qual apenas determinadas salas de aula apresentam gravuras nas paredes precisam ser sempre colocadas e sistematicamente investigadas
A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto ou com os resultados	Ao estudar uma determinada situação, o foco de pesquisa se desloca dos fins para os meios. O importante para o pesquisador é verificar como o fenômeno se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Essa ênfase no processo tem sido particularmente útil nas investigações educacionais, as quais apresentam-se adequadas para retratar a complexidade das interações presentes no cotidiano escolar
Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva	Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam à medida que os dados particulares vão se agrupando e deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada. Não se trata de um processo do qual se conheça a forma final em seu desenho inicial
O significado que as pessoas atribuem às coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador	Nos estudos qualitativos há sempre uma tentativa de capturar o modo como os participantes encaram as questões que estão sendo analisadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, esses estudos permitem compreender o dinamismo interno das situações, dinâmica essa que geralmente é invisível ao observador externo

Fonte: Elaborado com base em Bogdan e Biklen (1994).

Em consonância com as características destacadas no Quadro 1, Creswell (2013) aponta que as investigações qualitativas se caracterizam pela descrição e compreensão profunda dos significados e processos subjetivos atribuídos às experiências e práticas cotidianas, numa lógica da descoberta, tendo como essência a análise das perspectivas dos sujeitos, interpretando os fenômenos em seu meio natural.

Já Chizzotti (2006, p. 28) destaca que apesar de diversas tradições invocarem o título qualitativo, essas pesquisas podem ser definidas como aquelas que “[...] usando, ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam”. Também segundo o autor, opõem-se, de modo geral, às abordagens quantitativas ao não recorrerem à quantificação como única via de assegurar sua validade ou pressupor um modelo único de investigação.

Assim, ao apresentarem como foco primário a atribuição de sentido e não a produção de frequências estatísticas, as pesquisas qualitativas vão sendo construídas e reconstruídas no próprio processo de investigação (ANDRÉ, 2001; SAMPIERI, COLLADO; LUCIO, 2013) e longe de produzir medições, enumerações e mensurações, têm no contato direto do pesquisador com os sujeitos, a comunidade ou a situação estudada a sua característica mais marcante (FLICK, 2013). E, é esse contato direto que impossibilita

qualquer ilusão de neutralidade do pesquisador, uma vez que o investigador se torna inevitavelmente uma parte do fenômeno que estuda (BRESLER, 2007; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Disso também resulta que no paradigma qualitativo o rigor de suas pesquisas não pode ser medido apenas por comprovações matemáticas, mas pela amplitude e pertinência de suas explicações e teorias, ainda que estas não sejam definitivas, e que seus resultados não possam ser generalizáveis (SUASSUNA, 2008).

Nesse sentido, em uma pesquisa de cunho qualitativo, os dados nunca são evidentes (DEMO, 1995) e sua coleta e análise se dão, especialmente, a partir das reflexões do pesquisador em um diálogo crítico com o objeto analisado. Sua seleção é parte integrante e indissociável do processo investigativo (DUARTE, 2006; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e eles próprios, os dados, são sujeitos a interpretações. Nesse percurso de descobertas, a meta passa a consistir na *domesticação de subjetividades* (PESHKIN, 1988), na consciência das tendências e dos preconceitos das pessoas e seu monitoramento mediante rigorosos processos de coleta e análise de dados (BRESLER, 2007). O que importa nesse modelo de investigação não é a quantidade, mas a representatividade, a pertinência e a qualidade dos dados constituídos no caminhar da pesquisa. Para Teixeira:

[...] escolher um *design* de pesquisa qualitativa pressupõe uma certa visão de mundo, requer a definição como um investigador seleciona sua amostra, coleta e analisa dados e contempla assuntos como validade, confiança e ética. A pesquisa qualitativa não é linear, mas um processo de passo a passo, ou seja, um processo interativo que permite ao investigador produzir dados confiáveis e fidedignos. Assim, o processo de coleta e análise dos dados é recursivo e dinâmico, além de ser altamente intuitivo. (TEIXEIRA, 2003, p. 191)

Tendo como pano de fundo a busca pela compreensão de uma realidade particular que não pode ser reduzida à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001; CRESWELL, 2013; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013), nas abordagens qualitativas, o pesquisador depara-se com a necessidade de selecionar o melhor caminho a percorrer para compreender um determinado fenômeno e esse caminho passa, obrigatoriamente, pela escolha de métodos adequados para o levantamento de dados.

Segundo Flick (2013), esse levantamento é concebido de uma maneira bastante aberta, mas que é comum que se sigam ao menos duas etapas. Num primeiro momento, o pesquisador realiza uma pesquisa bibliográfica, buscando obter um apanhado dos trabalhos produzidos sobre o tema. Num segundo momento, quando o pesquisador se depara com a necessidade de conseguir informações que não podem ser adquiridas somente com a pesquisa bibliográfica, as investigações qualitativas apresentam métodos complementares de coleta, como entrevistas, questionários, relatos, observações, entre outros.

Dentre esses, a entrevista é uma das mais utilizadas, por ser “um instrumento de pesquisa quase infinitamente adaptativo” (BREAKWELL *et al.*, 2013, p. 240) que permite “a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Por meio da entrevista, o pesquisador tem a possibilidade de obter uma série de informações, inclusive dados objetivos, como fatos, estatísticas, registros e outros, bem como dados subjetivos, relacionados aos valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados (MINAYO, 2001; SZYMANSKI, 2010).

Especificamente no âmbito da pesquisa educacional, no qual a natureza do objeto do estudo exige interação entre pesquisador e pesquisado para contextualizar experiências, vivências e sentidos, a entrevista se apresenta como uma técnica adequada para a obtenção de informações dos diversos atores envolvidos nos fenômenos educativos, fornecendo dados para a compreensão das relações entre os sujeitos e o recorte analisado.

Nesse sentido, em função das peculiaridades da entrevista e o modo como ela se coaduna com as dimensões que sustentam os princípios da ação nas investigações qualitativas, a seguir discutimos algumas características desse instrumento de pesquisa.

A entrevista no contexto das abordagens qualitativas

O termo entrevista advém da junção por justaposição dos radicais latinos *inter* e *videre*, que pode ser compreendido como *entre olhos, no meio dos olhares, ver juntos, ou ver-se mutuamente* (TORATO, 2003). Segundo Fraser e Gondim (1994, p. 140) o primeiro relato de seu uso, associado a observações etnográficas, data de 1886, em um estudo sobre as condições sociais e econômicas dos habitantes de Londres.

Trata-se de um valioso instrumento de conhecimento interpessoal que possibilita a apreensão de fenômenos a partir do diálogo entre entrevistado e entrevistador que vem sendo utilizado nas pesquisas sociais como uma alternativa para o estudo de significados subjetivos e fenômenos, cuja complexidade não permite o uso de instrumentos fechados em formato padronizado (SZYMANSKI, 2010).

Segundo Minayo e Costa (2018), a entrevista tomada no sentido amplo de comunicação verbal ou no sentido restrito de coleta de dados sobre determinado tema científico é a estratégia mais comum no processo de trabalho de campo. Para os autores, é uma técnica que pode ser utilizada por qualquer pesquisador, mesmo os iniciantes, caracterizada essencialmente como uma conversa entre dois ou mais interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e destinada a construir informações sobre um determinado objeto de pesquisa. Desse modo, a entrevista se diferencia de um diálogo desinteressado pela intencionalidade, uma vez que se trata de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si (HAGUETTE, 2001).

Também é importante não confundir a entrevista com a aplicação de um questionário, outra técnica de largo emprego nas ciências sociais, visto que são instrumentos distintos. Enquanto os questionários são meios para coleta de dados constituídos por uma série de questões que precisam ser respondidas por escrito (MOREIRA; CALEFFE, 2008), as entrevistas se caracterizam pela exposição oral. Evidentemente, a escolha de um instrumento ou do outro depende dos objetivos da pesquisa e das especificidades da própria investigação, mas quando comparadas com os questionários, as entrevistas apresentam algumas vantagens: não exigem que o participante saiba ler e escrever; possibilitam a obtenção de maior número de respostas; a análise das expressões corporais do entrevistado; o esclarecimento de detalhes das

perguntas e a adequação às circunstâncias nas quais se desenvolve (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Para Lüdke e André (1986), a eficácia das entrevistas se relaciona diretamente com sua flexibilidade e adaptabilidade. Enquanto determinados instrumentos “têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Assim, no caso das pesquisas qualitativas, nas quais normalmente o tema é analisado de forma mais ampla, o pesquisador tem a possibilidade de redefinir os rumos da entrevista durante sua própria realização, ampliando sua compreensão sobre novos aspectos da investigação que possam vir a emergir na medida em que o entrevistado expressa sua opinião.

Há duas modalidades mais gerais de entrevista: a face a face e a mediada. Ambas podem se constituir de perguntas dissertativas ou de múltipla escolha. A primeira se refere àquela modalidade em que entrevistador e entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (relacionadas ao que é dito ou perguntado), às não verbais (pausas e silêncios, movimentos corporais, volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor. A segunda modalidade inclui as entrevistas feitas a distância, mediadas por telefone, computador ou outro dispositivo eletrônico, que eventualmente estão sujeitas às mesmas influências verbais e não verbais, dependendo do modo como são conduzidas, em especial quando não permitem a visualização das reações faciais do interlocutor (FRASER; GONDIM, 2004).

As entrevistas face a face são as mais indicadas quando o pesquisador precisa esclarecer detalhes do roteiro para o entrevistado ou quando está interessado em obter informações pessoais ou mais específicas do respondente. Já entrevistas mediadas não só permitem ao pesquisador alcançar um número maior de pessoas como propiciam ao entrevistador contato com indivíduos cujo encontro pessoal seria problemático.

Outro aspecto imprescindível a ser considerado pelo pesquisador ao optar pelo instrumento é que independentemente de serem realizadas face a face ou mediadas, pesquisas com uso de entrevista envolvem necessariamente a participação de seres humanos. Dessa forma, antes de sua realização, o projeto precisa ser encaminhado para

análise e parecer de um Comitê de Ética em Pesquisa e estar de acordo com o roteiro preconizado pelo Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 1997).

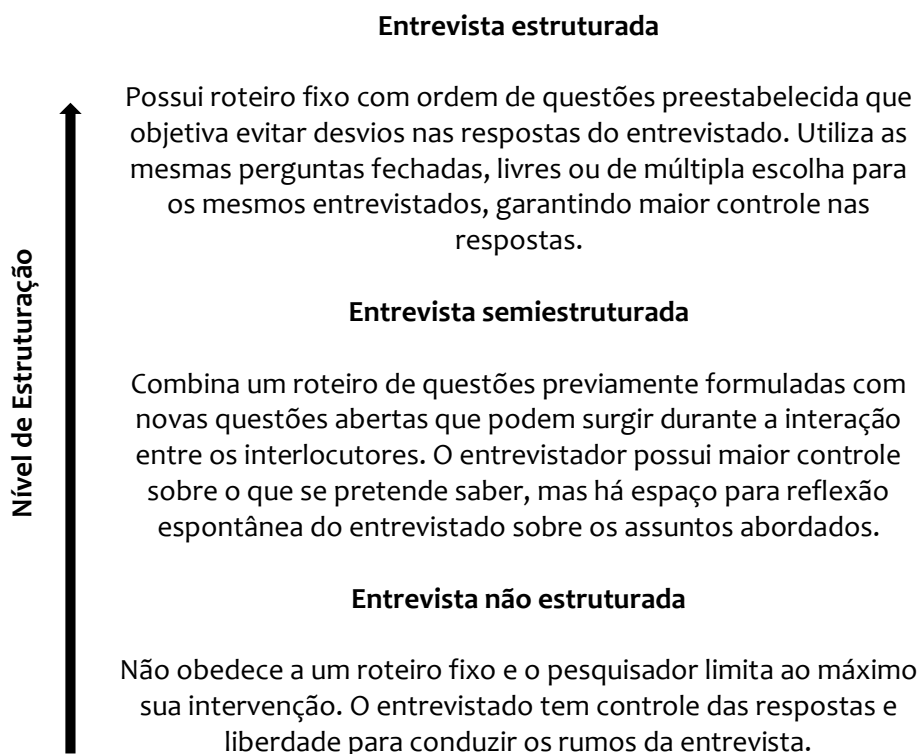
Para sua aprovação, a proposta do trabalho de pesquisa tem que atender as exigências éticas e científicas, implicando em autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade aos participantes (COZBY, 2003). Ao pesquisador cabe orientar os entrevistados sobre o objetivo das informações coletadas, o direito ao sigilo e a interrupção da entrevista. Somente após as orientações e autorização expressa do interlocutor mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é que as entrevistas poderão ser iniciadas (BELEI *et al.*, 2008). Por fim, é importante destacar que, para as entrevistas realizadas com crianças ou adolescentes (maiores de 6 e menores de 18 anos) – caso comum nas pesquisas em educação, uma vez que são várias investigações nas quais se realizam entrevistas com estudantes da educação básica –, o pesquisador precisa do consentimento assinado pelos responsáveis ou pelo representante legal.

Como destacam Silva, Oliveira e Salge:

O TCLE é um documento que apresenta a pesquisa através do título e do objetivo geral, quem é o/a (são os/as) responsável(is) pela pesquisa, como se dará a participação do sujeito. Caso o/a participante concorde com as proposições do TCLE, deve ser assinado tanto pelo/a investigador/a quanto pelo/a participante. O TCLE firma a postura ética do/a pesquisador/a para com o/a participante e a autorização do/a participante para o uso dos dados construídos na entrevista. Portanto, o TCLE é importante para resguardar ambas as partes. (SILVA; OLIVEIRA; SALGE, 2021, p. 116)

Já em relação a sua estruturação, as entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas (FRASER; GONDIM, 2004; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; MINAYO; COSTA, 2018). Os tipos de entrevista segundo sua estruturação são ilustrados na figura 1.

Figura 1 – Tipos de Entrevista



Fonte: Elaborado com base em Fraser e Gondim (2004).

As entrevistas estruturadas envolvem um conjunto fixo de questões previamente elaboradas e sequencialmente encadeadas. São utilizadas, frequentemente, em pesquisas quantitativas e experimentais quando se busca a obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata das respostas obtidas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). As perguntas são aplicadas de forma rígida com pouca ou nenhuma liberdade para o entrevistador interagir com seus entrevistados, geralmente com o objetivo de construir uma base de dados para futura análise estatística.

Do lado oposto do *continuum*, existem as entrevistas não estruturadas, que não possuem um roteiro fixo e que, na maioria das vezes, pouco se diferenciam de uma conversa informal (MIGUEL, 2010), na qual o pesquisador apenas determina o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o assunto sugerido. Algumas perguntas podem ser elaboradas previamente, mas não devem limitar as respostas ou o raciocínio do entrevistado. O entrevistador precisa estar disposto a abandonar suas perguntas e

adotar outras no decorrer do processo. Esse tipo de entrevista é utilizado sobretudo com finalidades exploratórias para o detalhamento de questões e formulações mais precisas de conceitos relacionados ao problema de pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005).

As entrevistas semiestruturadas, como a própria designação sugere, têm como característica um roteiro preestabelecido no qual o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixa o entrevistado livre para falar, podendo realizar perguntas complementares para compreender o fenômeno investigado. Esse modelo conjuga características das entrevistas não estruturadas com um roteiro de controle (DUARTE, 2006) e permite tanto a realização de perguntas indispensáveis à pesquisa que precisam ser respondidas, quanto a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e possibilitando o surgimento de novos questionamentos não previstos pelo pesquisador.

Todos os tipos de entrevistas destacados podem ser utilizados numa pesquisa educacional. Entretanto, a entrevista semiestruturada tem sido amplamente utilizada para o entendimento das questões estudadas nesse ambiente (MANZINI, 2012), uma vez que apresenta um esquema mais flexível e interativo, apropriado para investigar a diversidade de atores presentes na escola (professores, alunos, pais, diretores, pedagogos, coordenadores, agentes educacionais etc.) e constituir dados para a compreensão dos processos educativos.

Tendo como foco as pesquisas educacionais, na próxima seção discutimos as entrevistas semiestruturadas e seu potencial como instrumento para constituição de dados em investigações qualitativas no campo, destacando as etapas de seu desenho e execução.

A entrevista semiestruturada na pesquisa em educação

Toda pesquisa deve ser planejada e executada com responsabilidade, seriedade e comprometimento. Isso porque se espera que uma investigação no campo educacional agregue novos conhecimentos e auxilie na compreensão dos fenômenos que se manifestam na dinâmica do ensino e aprendizagem (SILVA; OLIVEIRA; SALGE, 2021).

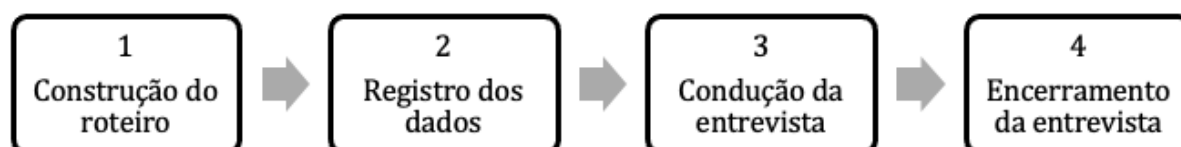
No âmbito das investigações qualitativas que utilizam as entrevistas como ferramenta para coleta de dados é preciso atentar que seu propósito principal é a busca dos significados atribuídos à experiência humana. Cada entrevista se configura em um evento singular, no qual o pesquisador precisa ter clareza sobre *o que perguntar, como perguntar e a quem perguntar*.

Nenhuma será igual a outra, ainda que apresentem as mesmas questões como base, porque nenhum indivíduo é igual ao outro e o entrevistado não pode ser encarado “como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas, antes, como alguém que co-constrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista” (BASTOS; SANTOS, 2013). O reconhecimento dessa premissa permite um melhor posicionamento tanto frente ao fenômeno investigado como a todo o processo de desenvolvimento da pesquisa em si.

Disso decorre que a preparação da entrevista é uma fase fundamental do estudo científico que requer do pesquisador a execução de algumas ações essenciais, como: selecionar entrevistados que possuem conhecimento da temática investigada; verificar a disponibilidade e interesse dos entrevistados em participar da entrevista; agendar com antecedência data, horário e local da entrevista; estabelecer procedimentos que garantam o sigilo absoluto das confidências e das identidades dos entrevistados; e elaborar um roteiro adequado para a efetivação da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Nesse contexto, com vistas a subsidiar a reflexão sobre seu uso nas pesquisas qualitativas em educação, elaboramos uma descrição de quatro etapas necessárias para preparação e desenvolvimento das entrevistas semiestruturadas, desde a construção do roteiro até seu encerramento, conforme apresentado na figura 2.

Figura 2 – Etapas para realização de uma entrevista semiestruturada



Fonte: Elaborado com base em Sampieri, Collado e Lucio (2013).

A seguir, apresentamos de forma detalhada as etapas para a realização da técnica de entrevista. Destaca-se que a compreensão em torno dos aspectos norteadores de cada uma dessas etapas busca tanto subsidiar a técnica de aplicação das entrevistas semiestruturadas, como deslocar o foco do aspecto instrumental propriamente dito, para uma perspectiva que acena para a dimensão interativa da produção de conhecimento, características próprias das pesquisas qualitativas no campo da educação.

1) *Construção do roteiro*

As entrevistas semiestruturadas se caracterizam por questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da investigação. Esses questionamentos possibilitam novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes e o roteiro serve tanto para coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante (TRIVIÑOS, 1987).

Durante uma entrevista, além de ouvir uma narrativa complexa, profunda e eventualmente contraditória, também se está pensando no que será feito a seguir, analisando os significados das respostas do entrevistado e buscando eventuais esclarecimentos. E esse processo só é possível com o auxílio de um roteiro adequado.

O processo de construção do roteiro se inicia com um protocolo de entrevistas, no qual são listados aspectos fundamentais de exploração, questões provisórias e transições. Esse protocolo deve conter uma pequena introdução com uma descrição do projeto de pesquisa, uma explicação para os procedimentos e um convite ao entrevistado para questionar sobre o estudo e sobre a dinâmica da entrevista. Também deve informar sobre as consequências da participação no estudo e solicitar o consentimento do entrevistado, apresentando o documento requerido pelo comitê de ética responsável pelo estudo.

Já em relação ao roteiro propriamente dito, Manzini (2003) esclarece que um bom roteiro deve garantir ao pesquisador, ao menos parcialmente e intencionalmente, a coleta das informações desejadas. Ao discutir as entrevistas semiestruturadas nas pesquisas desenvolvidas no campo educacional, o autor destaca a necessidade de

cuidados quanto à linguagem, quanto à forma das perguntas e quanto à sequência das perguntas nos roteiros.

No que se refere à linguagem, a intimidade com a população a ser entrevistada e seu modo de comunicar é um fator importante para a escolha do vocabulário a ser utilizado. Não se pode utilizar o mesmo vocabulário para uma entrevista com professores e com alunos de uma mesma escola. Apesar de conviverem e interagirem no mesmo ambiente, a linguagem utilizada para um mesmo questionamento pode mudar substancialmente de um sujeito para outro. Do mesmo modo, professores utilizam cotidianamente expressões e palavras como *progressão continuada*, *hora-atividade* e *avaliação processual* que podem ser desconhecidas fora do meio escolar. Assim, ao optar pelo uso de termos técnicos e expressões próprias de um determinado grupo social é preciso se certificar de que a população entrevistada conhece e utiliza esses termos (MANZINI, 2003).

Nesse sentido, todas as questões formuladas devem apresentar uma redação objetiva, evitando questões absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. Como destaca Manzini (2003), os questionamentos devem ser construídos de forma clara e direta, com perguntas curtas e que não exijam reelaboração mental por parte do entrevistado. É preciso que o informante compreenda aquilo que foi perguntado e fique à vontade para responder os questionamentos, sem preocupar-se com a interpretação da redação da pergunta.

Além do tamanho da pergunta, o pesquisador deve ter o cuidado de analisar o quão difícil é, para o entrevistado, responder a uma dada pergunta. O entrevistador, ao fazer as perguntas e ao redigir o roteiro, deve fazer uma análise das dificuldades de elaboração mental a que o entrevistado está sujeito. A indagação: *qual é o seu nome?* Exige uma elaboração mental diferente do que perguntar: *o que você acha do seu nome?* Na primeira indagação o acesso à memória é mais imediato; na segunda indagação, o entrevistador estará solicitando, de certa forma, uma avaliação. Essas questões são importantes porque numa entrevista o entrevistador sempre estará perguntando sobre algum conceito e a forma de perguntar pode influenciar a elaboração mental daquele que responde. (MANZINI, 2003, p. 16, grifos do autor)

Quanto à sequência das perguntas, Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 429) sugerem que sejam organizadas por ordem de dificuldade, começando com as perguntas

gerais, seguindo para as complexas, depois para as sensíveis e terminando com as perguntas finais. Manzini (2003) concorda com essa organização, mas sugere blocos temáticos de perguntas sobre o mesmo assunto. Esses blocos também devem ser agrupados por ordem de dificuldade de resposta, pois:

Os blocos temáticos podem auxiliar o entrevistador na finalização da coleta para aquele conceito a ser pesquisado. Ao término de cada bloco o entrevistador pode inserir na entrevista frases como: “Agora nós vamos falar sobre um outro assunto.” ou “Gostaria de falar, agora, sobre outro assunto.” Essas frases, podem, então, servir como marcadores que indicam que aquele assunto se esgotou e que novo assunto entrará na pauta da conversa. (MANZINI, 2003, p. 18)

Concluída a primeira versão do roteiro da entrevista, recomenda-se ao pesquisador que seja feita sua adequação mediante apreciação externa. Muitos problemas podem ser identificados no roteiro das entrevistas quando elas saem do papel e ganham significado na interação com outros indivíduos. Esse processo de adequação é comumente realizado de duas formas: (a) mediante uma entrevista piloto ou (b) mediante a apreciação por juízes externos (REA; PARKER, 2000; TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista piloto é um treino prévio junto a outro pesquisador conhecedor do objetivo de pesquisa ou a algum indivíduo que faça parte da população a ser estudada. Considera-se essa recomendação relevante na medida em que é por intermédio desse treino que o pesquisador terá a primeira sensibilização com relação ao roteiro. Além de favorecer a adequação das questões, esse teste preliminar também pode ser utilizado por pesquisadores inexperientes para se familiarizarem com a dinâmica da entrevista.

A apreciação por juízes externos é outra maneira pela qual pode ser realizada a adequação dos roteiros. Os juízes são geralmente pessoas envolvidas em pesquisas acadêmicas e com experiência no uso do instrumento. Segundo Manzini (2003), seu papel fundamental é indicar se há questões que geram dificuldade de interpretação, se a forma de perguntar está adequada e se o instrumento atinge o objetivo proposto.

2) Registro dos dados

Segundo Lüdke e André (1986), existem duas maneiras para registrar os dados: a gravação e as anotações durante a entrevista. A gravação é um registro completo de tudo que foi dito e pode ser realizada por diferentes tipos de dispositivos eletrônicos. Possui a vantagem de possibilitar o registro de expressões orais, deixando o entrevistador livre para atentar nas expressões faciais, gestos e mudança de postura do entrevistado. Entretanto, nem sempre o entrevistado se mantém à vontade quando está sendo gravado e cabe ao pesquisador criar um ambiente agradável para que o processo transcorra com a maior naturalidade possível.

Outra dificuldade em relação a entrevista gravada é a sua transcrição. Essa operação é bem mais trabalhosa do que geralmente se planeja, consome muitas horas e pode produzir um resultado inesperado, no qual as informações em sua totalidade não apresentem o sentido esperado pelo pesquisador, dificultando a distinção entre dados menos importantes daqueles centrais. Nesse caso, sugere-se a comparação da transcrição com o registro em áudio para estabelecer prioridades.

Uma forma de contornar essa dificuldade é a de realizar anotações sobre suas impressões durante a realização da entrevista. Isso certamente ajudará a destacar muitas coisas importantes ditas ou não ditas e demandará maior esforço e atenção do entrevistador durante a realização da entrevista, mas pode auxiliar na futura organização e análise dos dados.

O registro dos dados também poderá ser feito por filmagem. A escolha de uma ou outra forma de registro depende de vários fatores, desde a disponibilidade de equipamentos, até a opção escolhida pelo entrevistado (algumas pessoas têm dificuldade em agir naturalmente quando sabem que estão sendo filmadas) ou as características próprias do local disponível para a realização da entrevista, por exemplo. Dependendo do equipamento, a captação simultânea de áudio e vídeo por meio da filmagem constitui uma opção metodológica, na qual se busca apreender um fenômeno complexo no qual os discursos e as imagens são suas partes inerentes.

Em alguns casos também é possível utilizar mais de uma forma de registro concomitantemente. Entretanto, independente da opção do pesquisador é essencial

assegurar um conjunto de cuidados básicos para garantir a segurança dos dados obtidos. Dentre esses cuidados, sugere-se realizar cópias de segurança das gravações originais, criar um sistema de identificação que permita associar o arquivo da gravação ao documento de transcrição e definir diferentes dispositivos para armazenamento dos arquivos. Esses procedimentos são essenciais para evitar percalços nas fases subsequentes da investigação.

3) *Condução da entrevista*

No contato inicial da entrevista é importante que o pesquisador estabeleça uma conversa casual com o entrevistado. Essa conversa visa deixar o participante mais à vontade e criar uma relação de confiança. Nesse momento, que pode acontecer antes de iniciar o registro dos dados, o pesquisador deve explicar o estudo, falar sobre si e sobre seu interesse no projeto. O quadro 2 sintetiza as ações necessárias para o bom andamento dessa etapa introdutória. Só após essa conversa inicial é que o pesquisador deve solicitar ao participante sua concordância com a entrevista e apresentar o termo de consentimento.

Quadro 2 – Contato inicial em uma entrevista semiestruturada

	Objetivo	Ações
Contato inicial	Estabelecer uma relação de confiança e deixar o participante mais à vontade em relação ao pesquisador e à pesquisa	Apresentação do pesquisador, do vínculo institucional, do projeto, dos objetivos e duração da entrevista
		Garantir o anonimato do entrevistado e sua liberdade de participação na pesquisa
		Destacar a importância da participação e das informações fornecidas pelo entrevistado
		Propiciar um clima agradável e minimizar possíveis tensões para a introdução do tema em estudo

Fonte: Elaborado com base em Szymanski (2010).

Já no processo de condução da entrevista é essencial que o pesquisador atente que o diálogo proposto pelo instrumento para a coleta de dados envolve a criação de um ambiente propício à troca de informações e requer o cuidado com o papel dos participantes, em especial com o comportamento do próprio pesquisador.

Uma entrevista qualitativa semiestruturada se configura em uma comunicação verbal e interativa com objetivos específicos, relacionados à busca do entendimento de como os sujeitos percebem e vivenciam determinada situação. Para compreender as motivações, os significados e valores que sustentam as opiniões e visões de mundo dos informantes é preciso que o entrevistador assuma um papel menos diretivo que favoreça um diálogo aberto com o entrevistado. Só assim é possível aos participantes reconstruírem sua experiência dentro do contexto de suas vidas e a emergência de novos elementos significativos sobre a temática. Em outras palavras, é essencial que o pesquisador propicie um ambiente que possibilite *dar voz ao outro* para que se possa compreender a perspectiva da qual ele fala (FRASER; GONDIM, 2004).

É nessas condições, criadas e propostas pelo pesquisador, que o participante poderá expressar livremente suas opiniões, vivências e emoções que constituem suas experiências de vida, cabendo ao pesquisador o controle do fluxo das informações.

Contudo, destaca-se que esse controle do fluxo das informações é radicalmente distinto do controle da narrativa. Enquanto os participantes respondem as perguntas, o pesquisador precisa escutar cuidadosamente a resposta para identificar oportunidades de explorar uma resposta em mais detalhe. Ele pode e deve realizar, conscientemente, perguntas complementares em busca de melhor explicação sobre determinados assuntos, mas o intuito deve ser o de acolher sua diretriz primária, que é a busca de compreensão e do sentido das falas e não o de influenciar ou direcionar as respostas do entrevistado. Quem controlará o fluxo da narrativa após as indagações do pesquisador será o participante, cabendo ao pesquisador manter o diálogo em torno do objetivo de pesquisa proposto.

Desse movimento de personificação de papéis, no qual se dá o protagonismo ao entrevistado, também é necessário que o pesquisador saiba explorar não apenas aquilo que é dito, mas também aquilo que não é dito, como o riso, a tonalidade de voz, as pausas, as expressões, o silêncio e os gestos corporais do entrevistado. Segundo Miguel (2010), essa é uma atitude indispensável para o desenvolvimento da entrevista que exige não apenas técnica e prática, mas sobretudo sensibilidade por parte do pesquisador. Para Miguel:

Em muitos momentos, o que é verbalizado pode não estar em concordância com os gestos não-verbais. O riso, por exemplo, pode significar diversas coisas, dependendo da postura e do contexto em que ocorrem durante a entrevista: o fato de o participante ter achado graça em alguma fala ou lembrança; um certo tom irônico; ou ainda um certo nervosismo. Outro exemplo frequente é a incapacidade do entrevistador de lidar com o silêncio, tornando-se impaciente e incomodado e projetando, na maioria das vezes, tal incômodo aos participantes. Os momentos de silêncio e pausas durante a entrevista podem constituir fatos significativos no contexto do discurso e não devem ser substituídos por perguntas rápidas e improvisadas. (MIGUEL, 2010, p. 7)

Em função de suas particularidades, Miguel (2010) alerta que muitas pessoas tendem a acreditar que entrevistar é uma arte, uma reflexão da personalidade do entrevistador e que, portanto, não poderia ser ensinada. A autora destaca que essa visão é apenas parcialmente verdadeira e que os investigadores podem e devem aprender técnicas e habilidades da entrevista. No entanto, importaria, ao longo do trabalho de pesquisa, mais do que fórmulas prontas ou treinamentos específicos, o exercício da habilidade de saber ouvir, uma vez que manter o silêncio e escutar ativamente seus informantes se configura em uma das tarefas mais difíceis para a maioria dos entrevistadores (MIGUEL, 2010).

Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semiestruturadas exige tempo e esforço, uma vez que reclama uma atenção permanente do pesquisador, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta daquilo que é dito (ou não dito), numa atitude de respeito pelo seu próprio trabalho e por tudo que o participante compartilha.

4) *Encerramento da entrevista*

Ao término da interlocução, o pesquisador precisa atentar para o efeito do diálogo no entrevistado e se torna necessário realizar uma avaliação da entrevista, indagando se o informante gostaria de acrescentar algo que considera importante e que não tenha ficado esclarecido. Algumas entrevistas tomam novos rumos depois desse momento e adicionam novos diálogos que aprofundam e enriquecem o entendimento da experiência dos participantes. Finalizada essa conversa, o pesquisador deve se colocar à disposição

do participante caso haja necessidade de alguma informação futura (FRASER; GONDIM, 2004).

Esse é o momento de refletir sobre a experiência antes de partir para uma próxima entrevista. Analisar se todas as perguntas funcionaram como deveriam, se o participante se interessou ou entendeu onde se pretendia chegar com os questionamentos. Trata-se de uma oportunidade para rever o roteiro, revisar suas interpretações ou mesmo repensar suas perguntas para conseguir um relato mais condizente com os objetivos da pesquisa.

Segundo Szymanski (2010), em um momento posterior, depois de realizada a entrevista e sua transcrição, é recomendado que o entrevistador faça a devolução do material transcrito e sua pré-análise para a consideração do entrevistado. Segundo a autora:

O sentido de apresentar-se esse material decorre de consideração de que o entrevistado deve ter acesso à interpretação do entrevistador, já que ambos produziram um conhecimento naquela situação específica de interação. A autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador. (SZYMANSKI, 2010, p. 52)

Apesar desse procedimento se caracterizar como um cuidado em equilibrar as relações de poder no âmbito da pesquisa, ele nem sempre é possível de ser implementado por motivos de ordem prática. Também há a possibilidade de alguns entrevistados, ao verem a transcrição de suas falas, ainda que tenham autorizado a gravação e garantido seu anonimato, ficarem receosos com sua divulgação, “por temerem reconhecimento de sua pessoa e eventuais consequências” (SZYMANSKI, 2010, p. 52). Assim, a devolução da entrevista é um procedimento que deve ser realizado sempre que possível não apenas por uma questão ética, mas por possibilitar ao entrevistado realizar novas considerações, reafirmar ou retificar informações.

Considerações finais

A pesquisa científica é caracterizada por um processo regulado por uma metodologia que determina procedimentos orientados por dois tipos de abordagem, a quantitativa e a qualitativa, sendo que esta apresenta como preocupação primeira a busca da compreensão da lógica que permeia a prática social que efetivamente ocorre na realidade (MINAYO, 2001). Em uma abordagem qualitativa, o conhecimento, portanto, não se restringe à interpretação de dados isolados, estáticos, conectados por uma análise puramente descritiva ou explicativa (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

No que tange às investigações na área da educação, elas, em geral, são de natureza qualitativa, compostas por ensaios e teorias que buscam interpretar os fenômenos educativos. Dentre as várias técnicas na coleta de dados, as entrevistas semiestruturadas ocupam um lugar de destaque, principalmente por possibilitarem mediante interação verbal a apreensão de significados, valores, crenças e opiniões dos participantes. Sua flexibilidade e versatilidade permitem a compreensão da realidade escolar com uma profundidade dificilmente alcançada por outros instrumentos ou técnicas.

Em função da sua importância para o campo em estudo, discutimos neste texto a entrevista semiestruturada na perspectiva de diferentes autores, visando explicitar sua conceituação, estrutura e dinâmica de realização. Nesse movimento concluímos que a entrevista semiestruturada, enquanto técnica, mostra-se acessível a qualquer pesquisador, mesmo aos iniciantes (MINAYO; COSTA, 2018). Contudo, como se trata de um evento no qual o discurso é cooperativamente construído (BASTOS; SANTOS, 2013), mediante o diálogo que se estabelece entre o entrevistador e o informante, sua eficácia está diretamente condicionada aos cuidados durante seu planejamento, ao modo de construção do roteiro, à postura do entrevistador durante sua realização e ao grau de interação entre os participantes.

Como argumenta Manzini (2003), apesar de parecer simples, coletar informações por meio de entrevistas é uma tarefa complexa que exige planejamento rigoroso. Ao mesmo tempo em que possibilita liberdade ao pesquisador no seu desenho e execução,

essa liberdade é relativa e não pode ser confundida com falta de clareza ou transparência nos procedimentos metodológicos adotados.

Referências

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC/ Autores Associados, n. 113, p. 51-64, 2001.

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet Faperj, 2013.

BELEI, Renata Aparecida *et al.* O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 30, p. 187-199, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. 335 p.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos: resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p. 21082-21085, 16 out. 1996.

BREAKWELL, Glynis Marie *et al.* **Métodos de pesquisa em psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 503 p.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, p. 7-16, mar. 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006, 144 p.

COZBY, Paul. Ética em pesquisa. In: COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003, p. 51-79.

CRESWELL, John. **Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches**. 3. ed. Thousand Oaks, USA: Sage Publications, 2013. p. 488.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 146 p.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE Jorge; BARROS Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/>. Acesso em: 22 set. 2020.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 393-405, 2003.

GATTI, Bernardete Angelina. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/cp/a/VVXgbRbzwswsLTZvmYSL6M9b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 out. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: **METODOLOGIAS da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes; 2010. p. 29-38.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2001. 224 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 128 p.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE; Sadao. (orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: eduel, 2003. p. 11-25. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Consideracoes_sobre_a_elaboracao_do_roteiro.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percorso**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, Natal, n. 5, p. 1-11, jan./jun. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 96 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>. Acesso em: 08 out. 2022.

MONDADA, Lorenza. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e interacional. **RUA**, Campinas, n. 3, p. 59-86, 1997.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. 248 p.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago *et al.* Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da Fucamp**, Uberlândia, v. 19, n. 41, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2208>. Acesso em: 10 out. 2022.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul./dez. 2013.

PESHKIN, Alan. In search of subjectivity: one's own. **Educational Researcher**, [s.l.], v. 17, n. 7, p. 17-21, 1988. Disponível em: <http://blogs.ubc.ca/qualresearch/files/2008/02/17.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

REA, Louis; PARKER, Richard. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000. 262 p.

RUDNICKI, Dani; CARLOS, Paula Pinhal; MÜLLER, Felipe. O uso da entrevista na pesquisa jurídica brasileira. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, Niterói, v. 8, n. 2, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/view/525>. Acesso em: 08 out. 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 416 p.

SILVA, Lorrane Stéfane; OLIVEIRA, Guilherme Saramago, SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves. Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 110-122, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46>. Acesso em: 05 out. 2022.

SILVA, Luciano Ferreira; RUSSO, Rosária de Fátima Segger Macri. Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. **Revista Gestão e Projetos**, São Paulo, v. 10, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/gep/article/view/13285/6641>. Acesso em: 10 out. 2022.

SUASSUNA, Lúvia. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 341-377, jan./jul. 2008.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2010. 96 p.

TEIXEIRA, Enise Barth. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, ano 1, n. 2, p. 177-201, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>. Acesso em: 20 de out. 2020.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica: discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 688 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.

Recebido em: 01/03/2022

Revisões requeridas em: 22/09/2022

Aprovado em: 15/11/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 24 - Número 54 - Ano 2023

revistalinhas@gmail.com